

INSTITUTO JUNGUIANO DE SANTA CATARINA - IJUSC

Este paper é apresentado à Diretoria de Ensino do IJUSC como pré-requisito para avaliação semestral do processo de Formação para Analista Junguiano.

Candidata: Carolina Schiesari

Paper 1 - Florianópolis, 10 de abril de 2021

Um convite à ousadia poética

“Há momentos em que a pessoa não tem nada para fazer e começa a escrever poesias”- Blanca Yuli Henao, 10 anos¹

O intuito deste paper é propor uma discussão acerca da possibilidade de criação ou desenvolvimento de um olhar poético para a vida. Este trabalho começou a ser gestado no instante em que a seguinte frase foi lida: “O mundo do poeta é o mundo dos problemas resolvidos” (JUNG, OC 3 §355). Algo foi despertado nesse momento, e muitos diálogos (externos e internos) vem sendo encadeados desde então: a que mundo poético Jung se refere? Foram tais colóquios que nos trouxeram à confecção desta escrita.

Estamos vivenciando, há pouco mais de um ano, uma situação insólita: uma pandemia assola o mundo. À primeira vista, num âmbito individual, pouco - ou nada - há de ser feito quanto a isso. É preciso esperar. É preciso tomar tempo. O mundo como conhecíamos não mais existe e nem mais existirá. E, apesar de isso parecer trivial e corriqueiro, talvez nunca foi tão certo. Há mudanças coletivas drásticas e profundas acontecendo tão desveladamente, que não é possível negar os impactos na vida mais particular. Vivemos um luto coletivo constante. Inclusive, o luto pela morte de um mundo presumido.

Como seria possível então continuar a(s) vida(s) num mundo de morte(s)? Como seguir sem esmorecer? Ou até, como continuar, mesmo esmorecidos? Da frase geradora, citada acima, Jung prossegue:

¹ *Casa de las estrellas - El universo contado por los niños* (Org. MORENO, Javier Naranjo). Este livro é uma compilação de definições de palavras corriqueiras feitas por crianças com idades que variam de 3 a 12 anos. Tradução livre Carolina Schiesari

A realidade é o mundo dos problemas não resolvidos. O doente mental é o reflexo fiel desta realidade. Suas soluções são ilusões insatisfatórias e a sua cura, uma renúncia temporária ao problema. Este permanece ativo e sem solução no inconsciente, emergindo, em determinado momento, para criar novas ilusões num outro cenário. Como os senhores podem ver, isso é um fragmento da história da humanidade” (Jung, OC 3 §355)

Se tomamos a realidade imanentemente, como mero produto sensorial, o mundo passa a ser concebido somente por aquilo que podemos ver, ouvir, tocar, cheirar e degustar. A situação atual nos traz uma realidade bastante feia, ruidosa, dura, fétida e amarga. Desta forma, identificarmo-nos acriticamente com tal situação, leva-nos a uma vivência com tais características. Estaríamos, portanto, literalizando o cenário macro em nosso contexto micro.

Faz-se de extrema importância ressaltar que, sendo nós, indivíduos pertencentes a este coletivo, não conseguimos, de maneira alguma, não sermos influenciados, tocados, perpassados pela experiência do próprio coletivo. Seria ingênuo imaginar que poderíamos sair ilesos individualmente de qualquer acontecimento grupal. Nesse trabalho trazemos um convite para ampliação de um repertório particular na busca de uma lida mais saudável de tais questões. Afinal, o olhar rígido e literal pode ser bastante adoecedor: ficamos sem saída quando nos tornamos *o reflexo fiel desta realidade*.

Da mesma forma que o soro antiofídico é retirado do próprio veneno da cobra, a solução está no próprio problema. O texto que se escreve hoje em dia é deveras cruel. Nossa tarefa seria, portanto, encontrar a poesia anímica enredada nessa prosa obituária. Não nos parece tarefa simples, todavia é imprescindível, a fim de preservar a vida em todas as suas formas.

Na obra Estudos psiquiátricos, Jung discorre acerca das aproximações e distanciamentos entre a genialidade e a loucura: “Como diz Lombroso, existem malucos com genialidade e gênios com maluquices” (JUNG, OC 1 §175). Teremos, portanto, que fazer contato com esses nossos aspectos para enfrentar os conflitos que nos cercam. O autor diz ainda que é próprio do gênio fazer novas combinações com o material antigo, que está disponível a todos nós. Ora, se o material mortuário está dado em prosa a nós todos, ousemos, pois, ser malucos (ou gênios) de rearranjarmos em poesia. Atrevamo-nos a simbolizar!

De acordo com Jung,

“O símbolo é uma expressão indeterminada, ambígua, que indica alguma coisa dificilmente definível, não reconhecida completamente. O “sinal” tem um significado determinado, por que é uma abreviação (convencional) de alguma coisa conhecida ou uma indicação correntemente usada da mesma. Por isso o símbolo possui numerosas variantes análogas, e quanto mais possuir, tanto mais completa e correta é a imagem que traça de seu objeto” (Jung, OC 5 §180)

Isto posto, é possível compreender a simbolização também como amplificações daquilo que é dado. Trazer novos elementos articulando-os a ideias antigas, encontrar outras cores, gestos, perfumes. Transcender à imanência que nos é ofertada. Simbolizar seria permitir que o louco clame, que o gênio brade. Indo além, seria uma rendição do aparente controle do ego ao inconsciente, afinal “O inconsciente premedita todos os novos pensamentos e combinações” (JUNG, OC 1 §172).

Entendemos que é possível incluir a criança junto do louco e do gênio, sendo os três bastante próximos no contato com o inconsciente. Ver a realidade para além do que é manifesto, rearranjar o material em novas combinações, inventar, criar, imaginar é fazer poesia. De acordo com Citelli (2006): “A própria descoberta da linguagem pela criança tem muito desse caráter de jogo com as palavras: há prazer e encantamento com os mistérios dos sons, com a arbitrária relação entre certas sílabas ou palavras e objetos e situações” (p. 49).

Fazer poesia, transformar prosa em poema, exige de nós um desapego do modo usual de escrever os textos, de pensar e encarar as situações. O poema tem uma métrica própria, pode ser extenso, sintético, rimado ou não. É um torcer e retorcer de palavras e ideias. Está em contato direto com os sentimentos.

Retomando, como seria então possível acessar poesia em tempos tão obscuros? Lembramos que Drummond lapidou a pedra que estava *No meio do caminho*, Augusto dos Anjos apedrejou a mão vil em *Versos Íntimos* e Augusto de Campos transformou o *Luxo* em lixo. Todas essas simbolizações dizem do que cada poeta viveu individualmente, e do que todo ser humano vive enquanto coletivo também. É fundamental simbolizar para que a vida se desdobre em poesia. Em especial em momentos sombrios, é primordial ter a audácia de enfrentar tais desafios com o ímpeto de uma Alma que clama por sentido. Como diz Jung “Nosso modo de ser condiciona nosso modo de ver” (JUNG, OC 4 §773). Que possamos, na nossa genialidade, ousar ser loucos e brincar de fazer poesia!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CITELLI, Adilson. **Linguagem e persuasão**. São Paulo: Ática, 2006.

JUNG, Carl Gustav. **A psicogênese das doenças mentais OC 3**. Petrópolis: Vozes, 1986.

JUNG, Carl Gustav. **Estudos psiquiátricos OC 1**. Petrópolis: Vozes, 2016.

JUNG, Carl Gustav. **Freud e a psicanálise OC 4**. Petrópolis: Vozes, 1989.

JUNG, Carl Gustav. **Símbolos da transformação OC 5**. Petrópolis: Vozes, 2007.